

AS MEMÓRIAS NA FICCIONAL AUTOBIOGRAFIA DE RACHEL JARDIM¹

Cleíze Pires de MENDONÇA²
Édimo de Almeida PEREIRA³

RESUMO

No presente artigo ocupamo-nos da apresentação da autobiografia intitulada **Os anos 40: a ficção e o real de uma época** (1985), de autoria da romancista da memória Rachel Jardim. Parte das reflexões aqui delineadas fizeram parte das pesquisas realizadas como base para a elaboração da dissertação de Mestrado de Cleíze Pires de Mendonça no Programa de Mestrado em Letras do atual Centro Universitário Academia – UniAcademia, defendida no ano de 2020. Trata-se, por conseguinte, dos aspectos relacionados às teorias criadas sobre o tema memória, ao que buscamos a compreensão dos modos pelos quais Jardim (1985), por meio de sua escrita, promove o resgate de aspectos importantes da cidade de Juiz de Fora, pelo relato de experiências e pela representação de pessoas, de espaços físicos, de construções, bem como de tendências culturais e orientações do cotidiano de algumas das famílias da cidade nos anos mil novecentos e quarenta. Dessa maneira, lançamos um olhar investigativo também sobre o modo como se processam as lembranças e qual a sua relação com a ficção e mesmo com a formação identitária dos indivíduos, atividade na qual buscamos a fundamentação teórica apoiada nas obras de autores como Lucia Castello Branco, Iván Izquierdo, Maurice Halbwachs, Henri Bergson, além de outros.

Palavras-chave: Autobiografia. Ficção. Literatura Brasileira. Memória. Os anos 40.

ABSTRACT

In this paper, we focus on the presentation of the autobiography entitled *The 1940s: the fiction and reality of an era* (1985), authored by the writer Rachel Jardim. Part of the reflections outlined here was part of the research carried out as the basis for the elaboration of the dissertation by Cleíze Pires de Mendonça in the Master Program in Languages at the Centro Universitário Academia – UniAcademia, defended in 2020, based on aspects related to theories on the subject of memory. During the research, we sought to understand the ways in which Jardim (1985), through her memorialistic writing, promotes the rescue of important aspects of the city of Juiz de Fora, through the experience report and the representation of people, physical spaces, buildings, as well as cultural trends and daily life orientations of some families in the city in the 1940s. Thus, we also cast an investigative look at how memories are processed and what is their relationship with fiction and even with the identity formation of individuals, an activity in which we seek a theoretical basis supported by the works of authors such as Lucia Castello Branco, Iván Izquierdo, Maurice Halbwachs, Henri Bergson, among others.

Keywords: Autobiography. Fiction. Brazilian Literature. Memory. The 1940s.

¹ Esta reflexão é resultado de parte da pesquisa desenvolvida para a dissertação de Mestrado intitulada: **Os anos 40: a tessitura da escrita memorialística de uma Penélope juiz-forana** no âmbito do Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia (UniAcademia).

² Mestre em Letras pelo Centro Universitário Academia (UniAcademia). Professora titular da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora – Minas Gerais. *E-mail:* cleizemendonca@gmail.com.

³ Doutor em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Juiz de Fora, fundada entre as montanhas da Zona da Mata do Estado de Minas Gerais, em 31 de maio de 1850, por sua natureza fabril e desenvolvimentista chegou a receber os epítetos de *Princesa de Minas* e *Manchester Mineira*, este último em larga comparação à cidade inglesa de Manchester em sua plenitude de berço dos efeitos da Revolução Industrial. Desde há muito, pelas mãos e pela pena de seus escritores, Juiz de Fora deixou o campo da geografia para fincar fronteiras na prosa e na poesia que demarcam as terras da Literatura Brasileira. Escritores e escritoras do passado e do presente dedicaram e dedicam sua obra ao retrato das particularidades da cidade, podendo-se citar, entre eles, Pedro Nava, Murilo Mendes, Belmiro Braga, Cleonice Rainho e Rachel Jardim.

Verificado o contexto histórico-social juizforano dos anos mil novecentos e quarenta, é possível vislumbrar, a partir das linhas desenvolvidas pela escritora Rachel Jardim, a constituição da condição da alteridade feminina em contraponto à identidade androcêntrica da sociedade constituída naquele tempo.

Em artigo intitulado **Campo intelectual e feminismo: alteridade e subjetividade nos estudos de gênero**, a professora Lia Zanotta Machado afirma que “A alteridade não é algo pensado como irreduzível e fechado mas aberto e em interlocução com outras alteridades” (MACHADO, 1994, p. 9). A partir dessa assertiva, recuperamos a reflexão do sociólogo jamaicano Stuart Hall, em **A identidade cultural na pós-modernidade** (2003), no sentido de que também a identidade, então, forma-se na relação entre o Outro e eu. Dissertando sobre o que seriam três concepções de identidade, quais sejam: i) o sujeito iluminismo; ii) o sujeito sociológico; e iii) o sujeito pós-moderno, Hall (2003) afirma que:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nó próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-se “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 2006, p. 11-12, grifos do autor).

Sob esse viés, o presente artigo tem por objetivo apresentar algumas reflexões em torno da escrita memorialística implementada pela juiz-forana Rachel Jardim (1985) no livro autobiográfico **Os anos 40**: a ficção e o real de uma época, destacando-a como uma escritora em um universo literário e intelectual de Juiz de Fora, ambiente predominantemente ocupado por escritores. Constituindo-se a partir das pesquisas realizadas por Cleíze Pires de Mendonça sob a orientação do professor Édimo de Almeida Pereira, no então Curso de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF), atual Centro Universitário Academia – UniAcademia, as reflexões aqui apresentadas deram razão à dissertação intitulada **Os anos 40**: a tessitura da escrita memorialística de uma Penélope juiz-forana, defendida pela autora em 14 de maio de 2020.

Jardim (1985), romancista, cronista, contista e memorialista, nasceu em Juiz de Fora – Minas Gerais, em 18 de setembro de 1926. Após uma temporada em Guaratinguetá, São Paulo, onde residiu na fazenda do avô paterno, a escritora muda-se para o Rio de Janeiro em 1942. Formada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RJ, ingressou no funcionalismo público ainda jovem. Fez estágios em museus de Nova York e, de volta ao Brasil, foi diretora do Departamento Geral de Patrimônio Cultural e Artístico da Secretaria Municipal de Educação, depois subordinado à Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, atuando também nas áreas de Urbanismo e Ecologia. Estreou como escritora em 1973, lançando um livro autobiográfico que se apresenta como um misto de memória e ficção denominado **Os Anos 40**: a ficção e o real de uma época (1985) – o qual foi muito bem recebido pela crítica. Com mais de 40 anos de vida literária, Rachel Jardim reside até os dias atuais na cidade do Rio de Janeiro. Suas principais obras são: **Os anos 40**: a ficção e o real de uma época (autobiografia - 1973); **Inventário das cinzas** (romance - 1980); **Cheiros e ruídos** (contos - 1982); **Cristaleira invisível** (contos - 1982); **O penhoar chinês** (romance - 1990). Cabe-nos ressaltar a importância que a escritora juiz-forana representa não somente para a Literatura Nacional, especialmente no que tange à escrita memorialística, mas sobretudo para a Literatura de Minas Gerais, sendo uma voz feminina importante, em um contexto de escritores juiz-foranos como Pedro Nava, Murilo Mendes e Belmiro Braga, evidenciando, portanto, um novo olhar em relação ao que era

produzido em Juiz de Fora no que se refere às escritas voltadas para a temática da memória.

O tom autobiográfico que se deixa invadir pela verve ficcional presente na obra **Os anos 40**: a ficção e o real de uma época (1985) representa, assim, uma ruptura com a tradição da escrita memorialística que é realizada na cidade de Juiz de Fora mormente por autores e não por autoras. Nisso reside, talvez, a maior das quebras com a tradição da época, que é a possibilidade que se dá ao leitor de conhecer os aspectos de todo um período e sua influência sobre a vida das pessoas, tomados sob o ponto de vista feminino, a quem as memórias jardinianas dão a oportunidade de manifestação, a despeito de uma realidade social – a lembrada e a do momento da escrita – que deseja silenciar a subjetividade feminina.

2 UMA MATÉRIA CHAMADA MEMÓRIA

Com o intuito de buscar a compreensão do processo pelo qual o cérebro é capaz de captar um evento do presente e guardá-lo na memória para, posteriormente, transformá-lo em lembrança, vários teóricos se dedicaram aos estudos dos mecanismos pelos quais um indivíduo consegue resgatar da memória determinados fatos do passado e, sob a forma de lembrança, trazê-los ao presente.

Para compreendermos, entretanto, como o fenômeno de preservação da memória se processa no interior da mente humana, é relevante chegarmos a uma prévia definição do termo memória, a qual, de acordo com o médico e neurocientista argentino naturalizado brasileiro, Iván Antonio Izquierdo (2014), em obra intitulada **Memória**, refere-se à aquisição, formação, conservação e evocação de informações. Para Izquierdo (2014) o acervo das memórias é que faz com que cada pessoa se constitua em um indivíduo, em um ser ao qual não existe outro idêntico, visto que a coleção pessoal de lembranças de cada sujeito é única, distinta das coleções de lembranças dos demais indivíduos. O médico compreende que “[...] cada um é quem é, porque todos lembramos de coisas que nos são próprias e exclusivas e não pertencem a mais ninguém. Nossas memórias fazem com que cada ser humano ou animal seja um ser único, um indivíduo” (IZQUIERDO, 2014. Não paginado).

Dedicado às pesquisas voltadas para a compreensão dos processos celulares que envolvem o armazenamento e a evocação da memória, Izquierdo (2014) afirma que tanto as memórias dos seres humanos quanto as dos animais provêm do aprendizado adquirido e das experiências vividas. Nesse sentido, considera que é mais sensato falar em **memórias** – não em memória, no singular –, à medida que há tantas memórias quanto experiências e aprendizados possíveis.

As investigações feitas por diferentes teóricos a respeito do termo memória apontam para a sua origem na Antiguidade. Em obra intitulada **A traição de Penélope** (1994), a professora Lúcia Castello Branco discorre sobre o fato de que

[...] para os gregos, *Mnemosyne*, deusa da memória, é capaz não só de promover o resgate do passado como sua perda, seu esquecimento. Segundo Hesíodo, na *Teogonia*, a função da memória não consiste apenas em tornar presente o passado, mas também em "deixar cair no Oblívio e assim ser encoberto pelo noturno não-ser tudo o que não reclama a luz da presença". Tais ideias, que aliam memória e esquecimento, parecem se fundar na narrativa mítica que, segundo Vernant, já assinala com precisão a íntima aliança entre os atos de lembrar e esquecer (BRANCO, 1994. p.25, grifos da autora).

A referida teórica tece considerações sobre o percurso percorrido pela memória desde o pretérito para chegar ao presente, tendo como suporte os estudos de teóricos como o filósofo Henri Bergson, o qual considera o ato de lembrar como sendo o resgate dos fatos tal como aconteceram no passado e que são trazidos para o presente de forma intacta e impoluta, sem rasuras, lacunas ou interferências. Porém, o que a autora verifica é que, por vezes, os fatos lembrados não são lembranças em sua totalidade, mas fragmentos de lembranças já que, pelo tempo decorrido, muitos detalhes são esquecidos, o que sugere nos textos memorialistas uma escrita lacunar, fragmentada e esgarçada pelos lapsos da memória. Branco (1994) ainda ressalta que

[...] o processo da memória não deve ser entendido apenas como preenchimento de lacunas, recomposição de uma imagem passada, como querem as tradicionais concepções acerca da memória e da linearidade do tempo, mas também enquanto a própria lacuna, enquanto decomposição, rasura da imagem. Considerar isso é admitir que o passado não se conserva inteiro, como um tesouro, nos receptáculos da memória, mas que se constrói a partir de faltas, de ausências; é admitir, portanto, que o gesto de se debruçar sobre o que *já se foi* implica um gesto de edificar o que *ainda não é*, o que virá a ser (BRANCO, 1994. p.26, grifos da autora).

Assim como a professora Lúcia Castello Branco e o filósofo Henri Bergson, outros teóricos também se dedicaram ao estudo da memória. O sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), em obra intitulada **A memória coletiva**, atribui à memória um elo de coesão social, argumentando que as lembranças, mesmo as individuais, seriam também partilhadas por uma coletividade. Na concepção de Halbwachs (1990), a construção da memória se faz coletivamente, tratando-se de um fenômeno em constante processo de transformação, condicionado pelo tempo presente, no qual a memória coletiva geralmente predomina em detrimento da individual. O teórico observa que as lembranças de um indivíduo podem ser despertadas por meio de grupos de convívio, ou seja, pessoas de um mesmo grupo de convivência que tenham partilhado das mesmas experiências podem auxiliar no resgate de lembranças de fatos ocorridos em comum ou mesmo lembrarem-se de fatos ocorridos no passado dos quais determinado indivíduo não consiga lembrar.

Halbwachs (1990) acrescenta que as lembranças podem surgir a partir de estímulos externos, ou seja, objetos ou lugares podem despertar lembranças de um filme assistido, de um livro lido, de uma pessoa ausente ou mesmo de um comentário de um amigo, demonstrando que o ato de lembrar não é solitário.

Outras pessoas, ainda que ausentes, podem contribuir para que o ato de rememorar se manifeste, mesmo que o indivíduo que rememora esteja só. Segundo Halbwachs (1990), “[...] para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas, no sentido comum do termo, isto é, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível, não são necessárias” (HALBWACHS, 1990, p. 27).

Quando lembramos, o fazemos de forma coletiva, por intermédio das impressões externas que nos causam os objetos que vemos, os lugares que visitamos e as pessoas que conhecemos, ou seja, todos esses elementos contribuem para resgatar de nossa memória as lembranças há muito adormecidas.

Esta análise proporcionou o direcionamento do olhar para uma dimensão social da memória, seja ela individual ou coletiva, uma vez que, segundo o teórico em questão, para que um indivíduo fosse capaz de reconstruir e organizar suas próprias lembranças, precisaria recorrer às lembranças de outras pessoas, visto que a memória seria produzida em um ambiente social delimitado pelo tempo e pelo espaço.

3 MEMÓRIA E ESQUECIMENTO

Não é possível, todavia, fazermos uma abordagem sobre a memória sem associá-la ao esquecimento. Retomando os estudos implementados por Izquierdo (2014), é importante destacar que, no entendimento do neurocientista, lembrar os fatos pretéritos é tão importante quanto esquecê-los, visto que o cérebro possui a capacidade de selecionar as informações que devem ser retidas na memória ou descartadas dela, segundo um critério de relevância. Nessa perspectiva, Izquierdo (2014) afirma que

[...] nosso cérebro “lembra” quais são as memórias que não quer trazer à tona, e evita recordá-las: as humilhações, por exemplo, ou as situações profundamente desagradáveis ou inconvenientes. De fato, não as esquece, pelo contrário: as lembra muito bem e muito seletivamente, mas as torna de difícil acesso (IZQUIERDO, 2014. Não paginado, grifo do autor).

Dessa maneira, o processo da memória, compreendido como um retorno ao passado e também como uma luta contra o esquecimento, representa, simultaneamente, um olhar para algo que se constrói em direção ao futuro. Segundo Izquierdo (2014):

O passado, nossas memórias, nossos esquecimentos voluntários, não só nos dizem quem somos, como também nos permitem projetar o futuro; isto é, nos dizem quem poderemos ser. O passado contém o acervo de dados, o único que possuímos, o tesouro que nos permite traçar linhas a partir dele, atravessando, rumo ao futuro, o efêmero presente em que vivemos (IZQUIERDO, 2014. Não paginado).

O esquecimento é importante e necessário para a saúde mental e psíquica do ser humano, pois a vida social seria impossível para o indivíduo que se lembrasse de todos os detalhes de interação com todas as pessoas ao longo da vida e de todas as impressões registradas em cada uma dessas interações.

Da mesma forma, seria impossível para o cérebro a retenção de todo o aprendizado adquirido ao longo da vida e, conseqüentemente, do enorme número de informações advindas desse aprendizado. Como resultado desse processo, o indivíduo, então, esquece, visto que os mecanismos que formam e evocam as

memórias sofrem naturalmente um processo de saturação, fazendo com que as memórias existentes sejam perdidas para ceder espaço a novas memórias.

De acordo com Izquierdo (1989), em artigo intitulado **Memórias**, vários fatores contribuem para a causa do esquecimento, sendo o mais clássico, denominado de **extinção** “[...] ou perda geralmente gradativa de uma memória por sua evocação reiterada sem *reforço*; ou seja, sem aquele(s) componente(s) que a fizeram marcante quando adquirida” (IZQUIERDO, 1989, p. 103, grifo do autor), uma vez que, na concepção do teórico, as memórias que melhor se conservam são aquelas que estão associadas a um forte conteúdo de ordem emocional.

4 A MEMORIALÍSTICA JARDINIANA EM OS ANOS 40

Tomando como base os preceitos referentes aos estudos implementados por diversos teóricos acerca do processo de aquisição, formação e recuperação das memórias, como exposto até aqui, podemos verificar, nas linhas do autobiográfico **Os anos 40**: a ficção e o real de uma época (1985), a ocorrência de uma diversidade de coleções de memórias que, embora acessadas por uma mulher em sua madureza e em outro espaço físico, qual seja, a cidade do Rio de Janeiro, são típicas de uma jovem juiz-forana dos anos mil novecentos e quarenta.

Em sua autobiografia, Jardim (1985) descreve a vida da adolescente Rachel nas cidades de Juiz de Fora, de Guaratinguetá e do Rio de Janeiro, na década de mil novecentos e quarenta. Nesse mister, a jovem ocupa-se não apenas da recordação de situações em que se envolvera, mas também cuida da descrição de familiares e amigos e das histórias em que estes se viram enredados.

Por meio das lembranças, Rachel revisita lugares e acontecimentos vividos e viaja através do tempo para resgatar memórias da família, dos tios, dos primos, dos avós e dos amigos, pessoas que se constituem tão importantes para a narradora e que permanecem vivas em sua mente, mesmo após a morte, a qual, por ser inevitável, traz angústia, dor e sofrimento pela perda de entes queridos e revela o lado efêmero da vida. De práticas de escrita como essa desenvolvida pela escritora de Juiz de Fora é que desponta o caráter melancólico dos textos autobiográficos, que se constituem em uma tentativa de presentificar o vivido rico em significado, o qual, em virtude da passagem do tempo, nunca mais poderá se insurgir na vida

daquele que rememora, a não ser por meio das lembranças. Em diversos pontos da autobiografia em questão, a narradora não apenas surpreende o leitor com a descrição pormenorizada de parentes, inclusive daqueles já falecidos, como também lhe viabiliza a (re)construção da imagem e da atmosfera dos espaços físicos da cidade, tais como o casario e algumas das principais vias do Município juiz-forano. Tal aspecto constitui Rachel Jardim, conforme já mencionado, como um importante nome da memorialística da Princesa de Minas. Tudo isso é passível de verificação nos excertos seguintes:

E de repente, percebo que estou a falar só de mortos. Tia Buducha, tio Aníbal, tio Pedro, eram tão gordos, ocupavam tanto lugar no espaço... Onde ocuparão? Vovô Nilo, que terras lavrará, que gados apascentará? Vovó, que rosas cultivará? Roberto, com quem cantará? Nosso convívio com os mortos se torna cada vez mais cotidiano. Mais próximos estão do que os vivos. Temos que vivê-los dia a dia. Como os vampiros, nutrem-se do nosso sangue. Somos a sua única forma de vida” (JARDIM, 1985, p. 60).

A Rua Halfeld, que era a rua principal, ficava em frente ao parque. Muito feia, mas também típica desse gênero de cidade. Construções de cimento, sem nenhum estilo. Sorveterias. O cinema central era ali. Por dentro, lindo, o teto pintado à maneira do Teatro Municipal do Rio, com pinturas que lembravam vagamente as antigas de botequim, só que de muito melhor qualidade. O efeito era soberbo. Nunca me esquecerei do mistério que emergia do camarote de Florinda. Era parteira e fazia abortos e amor, quase livremente. Morena, alta, fatal, mas distinta. Entrava no camarote com dois filhos, muito bem vestidos, cuja paternidade ilegítima estava estampada no rosto. Na Rua Halfeld não passei muito. Era pouco dada a *footings* e sempre achei aquele desfile apenas folclórico. Nem eu, nem Laura, jamais fizemos parte dele (JARDIM, 1985, p. 14, grifo da autora).

Da cidade, o que eu gostava mesmo, era a Avenida Rio Branco, onde ficava o colégio. Disseram-me que também cortaram as árvores. Deve ter sido algum prefeito progressista, desses que devastam impunemente o interior e põem bustos nas praças. A Avenida Rio Branco, à medida que ia subindo, ficava cada vez mais bonita. Iam aparecendo aí casas apalacetadas, as mansões. De tarde, havia sempre mangueiras regando os jardins. As mansões e os palacetes tinham as mais diversas influências: inglesas, francesas, mexicanas, espanholas. Mas, estavam impregnadas de imaginação, de atmosfera. Alguns tinham tetos amansardados, sótãos. Até telhados de ardósia havia (JARDIM, 1985, p. 14).

Ao trazer ao mercado editorial brasileiro a autobiografia **Os anos 40**: a ficção e o real de uma época, Rachel Jardim (1985) busca resgatar, sob a forma de texto, os acontecimentos vividos no passado e trazê-los ao presente. Contudo, a visão de **Os anos 40** como uma escrita cujo conteúdo pretende reconstituir o passado por

meio do resgate de lembranças tal como aconteceram, e transportá-las até o presente de forma intacta e impoluta, sem rasuras ou interferências, parece revelar-se como uma tarefa bastante complexa e até certo ponto questionável, uma vez que a própria passagem do tempo traz consigo os lapsos de memória e, conseqüentemente, o esquecimento, resultando em um processo de rememoração permeado de lacunas.

Isso se deve ao fato de Jardim (1985) revelar ao leitor, pelo próprio subtítulo que dá ao livro, a tentativa de trazer à tona **a ficção e o real de uma época**. De fato, essa tentativa de resgatar os fatos do passado e (re)contá-los no presente tal qual ocorreram, constitui-se no grande desafio da escrita memorialista, uma vez que a própria passagem do tempo contribui para que as lembranças sofram um processo de apagamento proporcionado pelos lapsos de memória, os quais serão preenchidos com elementos ficcionais.

As memórias revividas pela protagonista trazem à tona sentimentos de tristeza e melancolia que a acompanharão pelo restante da vida. A infelicidade sentida por não poder retomar um passado que já se foi, onde só é possível revivê-lo por meio das lembranças, confere ao texto jardimiano características da escrita memorialista. Citando, mais uma vez a obra em questão, percebemos um tom melancólico nas palavras da personagem Rachel: “Seria da chuva a tristeza que me acompanhou pelo resto da vida?” (JARDIM, 1985, p. 25). “Vi, outro dia, o meu retrato, numa carteirinha de um clube onde jogava tênis. Aquele sorriso, Deus meu, quando o perdi?” (JARDIM, 1985, p. 77).

Nos estudos mencionados anteriormente, o filósofo Maurice Halbwachs (1990) discorre sobre o fato de que as memórias podem ser acionadas a partir de elementos externos, que imediatamente permitem ao cérebro o resgate de lembranças de fatos ocorridos em tempos remotos. Em consonância com as teorias de Halbwachs, observamos que, em **Os anos 40**, a narradora Rachel vivenciou essa experiência em diferentes situações, como exemplificam os trechos seguintes:

Trinta anos depois, ao ouvir a música em Paris, lembrei-me, estranhamente, de tio Sinhô indo para o hospício (JARDIM, 1985, p. 7).

Quando vi a ponte, compreendi subitamente algo, num desses raros instantes em que parece rasgar-se um véu, desvendar-se um mistério. Vi o rosto de meu pai moço, seus óculos sem aro, cabelos pretos, olhos

pequenos. Vi a casa, as irmãs, Maria dos Anjos. Meu quarto, o livro na cabeceira (JARDIM, 1985, p. 70).

Hoje, na Ponte Vecchio, andei fazendo umas incursões pela eternidade. Sabe, me senti, até, um pouco nos anos 40, quando passeávamos de carro lá por aqueles lados de Matias Barbosa, e eu te dizia que uma estranha sensação de irrealidade me envolvia (JARDIM, 1985, p. 70).

Vinte anos depois, indo para um jantar, a rigor, o rádio do carro tocou *I'll be Seeing You*. As lágrimas destruíram a maquiagem (JARDIM, 1985, p. 72, grifos da autora).

O som de uma música ouvida em Paris ou a visita à Ponte Vecchio, em Florença, permitiram que a narradora ativasse, em seu cérebro, memórias de lugares e de pessoas significativos de seu passado. Revivê-los terá representado para Rachel um triunfo sobre a morte, visto que, por intermédio das lembranças, a narradora perpetua a existência dos entes queridos já falecidos e pode novamente vislumbrar os lugares visitados em sua infância-adolescência, possivelmente já modificados em virtude da passagem do tempo. Tal expediente funciona como uma forma de trazê-los novamente à vida e, ainda, como uma tentativa de fazer com que não sejam soterrados pelo esquecimento.

Ao analisarmos a cronologia utilizada por Jardim (1985) para rememorar e (re)contar os fatos relatados em **Os anos 40**, é possível observarmos que a escritora faz menção não ao passado em que os episódios são trazidos em uma ordem cronológica, mas, antes, àquele em que estão presentes estilhaços de memória, evidenciando um texto que apresenta uma estrutura permeada de lacunas.

O que há, podemos asseverar, são fragmentos de memória expostos ao leitor por meio de pequenas seções que podem ser vistas independentemente, levando-se em consideração que cada uma recebe como título os nomes de tios, de primos e de amigos que, de algum modo, tiveram suas vidas relacionadas à de Rachel Jardim.

Consoante Izquierdo (2014), a maior parte do que aprendemos ao longo da vida se extingue ou se perde, visto que a simples passagem do tempo é um fator que contribui para o esquecimento parcial ou mesmo total das memórias.

Dessa maneira, as memórias inscritas em **Os anos 40** (1985), reforçam a alegação do referido teórico (2014) no sentido de que o esquecimento é tão

importante para a preservação da vida mental de um indivíduo quanto a preservação das memórias, e a melhor forma de mantê-las vivas é recordando-as.

O cérebro é capaz de armazenar uma infinidade de memórias e de fragmentos de memórias. Assim sendo, para que o indivíduo possa desfrutar de uma mente saudável, é necessário que haja um equilíbrio entre a retenção e o descarte das memórias adquiridas pelo sujeito ao longo dos anos para que a capacidade mnemônica não seja prejudicada e a vida não se torne insuportável devido ao acúmulo demasiado de informações no cérebro.

A partir da investigação ora desenvolvida, é possível depreender que a tentativa de escavação do passado com o intuito de trazer à tona os fatos vividos tal como decorreram e registrá-los no presente sob a forma de texto, configura-se em um grande desafio para os escritores memorialistas.

Os estudos voltados para a temática da memória permitem a compreensão de que a mesma se caracteriza por ser suscetível a falhas, a lacunas geradas a partir do esquecimento, o qual deixa suas marcas ao longo dos anos, apagando da mente lembranças, por vezes significativas, de momentos do passado. O que se observa, então, é um esforço dos memorialistas em resgatar lembranças esgarçadas pelo tempo, cujo preenchimento se faz por meio da ficção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise do processo de construção da escrita memorialista jardiniana, é possível inferir que os textos memorialistas podem ser compreendidos como produções que se situam na tênue fronteira entre a realidade e a ficção, uma vez que o narrador, ao revisitar o passado, oscila entre o real e o imaginário, omitindo ou acrescentando episódios vividos de acordo com as mais diversas intenções. Tais textos parecem querer buscar no passado o que se quer no presente, num desafio constante de retomar os momentos vividos perdidos no tempo. E, voltando-se ao passado, a tessitura do texto memorialista se faz por meio das brechas e das fissuras deixadas na memória pela passagem do tempo.

O esquecimento, fator relevante na reconstrução do passado, contribui para que as lembranças cheguem ao presente de forma imprecisa, denotando que o tecido da memória apresenta-se esgarçado pelo tempo, possuindo lacunas as quais serão preenchidas com elementos da ficção. E devido às lacunas proporcionadas

pelo esquecimento, alguns textos autobiográficos tendem a assumir uma conotação ficcional, na medida em que o autor se vale da ficção para preencher as falhas deixadas pela desmemória, ficando o texto desvinculado de representar com exatidão a realidade vivida pelo autor.

Dessa forma, a memória se apresenta contaminada por fatos reais ou ficcionais e a tentativa a que se propõe o autor de textos autobiográficos de presentificar um passado impregnado de sensações por meio de uma narrativa que busca eternizar um período vivido torna-se uma tarefa complexa, na medida em que essa narrativa pode conter não somente episódios vivenciados pelo narrador, como também pode apresentar fatos os quais o narrador gostaria que houvesse acontecido. Revisitar o passado constitui-se em um processo de reconstrução do vivido, por meio do entrelaçamento dos fios das lembranças aos fios do esquecimento.

Sendo assim, diante do exposto, é praticamente impossível resgatar do pretérito lembranças de forma absolutamente intactas e impolutas e trazê-las ao presente em plena e inquestionável integralidade, sem que estejam, de alguma forma, rasuradas pelo esquecimento provocado pelo tempo. Os textos memorialistas, por exemplo, tendem a ser interpretados pelo leitor como sendo a representação da verdade mais íntima expressa pelo autor, sem nenhuma interferência da ficção, o que, como observamos, dificilmente ocorre, em virtude do esquecimento. A memória é o elo que liga o presente ao passado, estabelecendo-se como uma forma de reviver as alegrias experimentadas e também as tristezas sentidas pela perda de algo que se foi e que nunca mais voltará. O ser humano não consegue se lembrar de tudo, lembra apenas o que lhe tem significado, aquilo que de algum modo é relevante. Por essa razão, vive entre a memória e o esquecimento.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRANCO, Lúcia Castello. **A traição de Penélope**. São Paulo: ANNABLUME, 1994.

FURTADO, Fernando Fábio Fiorese. Repetição e memória na obra de Rachel Jardim. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 10, n. 1, n. 2, jan/jun, jul/dez 2006, p. 141-148.

Disponível em: www.ufjf.br/revistaipotesei/files/2010/02/Repetição-e-memória.pdf. Acesso em: 26 mar. 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. 2. ed. revista e ampliada. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: https://docgo.net/viewdoc.html?utm_source=memoria-ivan-izquierdo-pdf. Acesso em: 8 jan. 2019.

IZQUIERDO, Iván. Memórias. **Estudos avançados**, vol.3, n. 6, ago. 1989, p.89 -112. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n6/v3n6a06.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2019.

JARDIM, Rachel. **Os anos 40**: a ficção e o real de uma época. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

MACHADO, Lia Zanotta. **Campo intelectual e feminismo**: alteridade e subjetividade nos estudos de gênero. Brasília, 1994. Disponível em: <https://www.dan.unb.br/images/doc/serie170empdf.pdf>. Acesso em: 06 set. 2020.

MACHADO, Sandra. Corredor cultural preserva memória do Rio. **MultiRio**: a mídia educativa da cidade. 06 jan. 2015a. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/993-mapa>. Acesso em: 06 set. 2020.

MACHADO, Sandra. Corredor cultural também teve origem na literatura. **MultiRio**: a mídia educativa da cidade. 27 jan. 2015b. Disponível em: http://www.multirio.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1017&Itemid=34. Acesso em: 06 set. 2020.

ROCHA, Enilce do Carmo Albergaria; PEREIRA, Édimo de Almeida. A memorialística feminina no romance Os anos 40, de Raquel Jardim. **Ipotesei**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, jul./dez. 2009. p. 135-145. Disponível em: www.ufjf.br/revistaipotesei/files/2009/10/a-memorialística-feminina.pdf. Acesso em: 05 set. 2020.